

APONTAMENTOS SOBRE HOMOSSEXUALIDADE, NEGRITUDE MASCULINA E FEMINILIDADE EM *BOM CRIOULO* (1895), DE ADOLFO CAMINHA ¹

Eduardo Martins de Azevedo VILALON²

Graduado em Filosofia/USJT e Ciências Sociais/UNICSUL

Licenciando em Letras

IFSP/Câmpus Pirituba

Érico França ALVES³

Graduado em Gestão de Recursos Humanos/Faculdade Cambury

Licenciando em Letras

IFSP/Câmpus Pirituba

Tatiane Araújo RUSSO⁴

Licencianda em Letras

IFSP/Câmpus Pirituba

Marcelo Cizaurre GUIRAU⁵

Doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês/USP

Docente de Letras

IFSP/Câmpus Pirituba

RESUMO

O objetivo do presente artigo reside em fazer alguns apontamentos sobre três temas tabus no século XIX, abordados na obra **Bom Crioulo** (1895), de Adolfo Caminha. Procurar-se-á indagar que a inovação de retratar tais assuntos não está, contudo, livre dos estereótipos do seu tempo. Desta forma, serão apresentadas e problematizadas as visões de negritude masculina, homossexualidade e feminilidade. Não obstante, não se pretende esgotar os conteúdos relativos a essas questões ou fazer uma leitura pormenorizada e linear do enredo e das temáticas. A intenção é ilustrar como essas categorias são trabalhadas na obra e em que medida fazem parte do imaginário científico daquele período.

Palavras-chave: Bom Crioulo (1895); Homossexualidade; Negritude Masculina; Feminilidade; Naturalismo.

¹ Trabalho final da disciplina de Literaturas em Língua Portuguesa II. Orientador Prof. Dr. Marcelo Cizaurre Guirau.

² Endereço eletrônico: eduardo.vilalon@aluno.ifsp.edu.br

³ Endereço eletrônico: erico.franca@aluno.ifsp.edu.br

⁴ Endereço eletrônico: tatiane.russo@aluno.ifsp.edu.br

⁵ Endereço eletrônico: cizaurre@ifsp.edu.br

Introdução

Uma das obras mais representativas do Naturalismo nacional é, sem dúvidas, **Bom Crioulo**, de Adolfo Caminha, lançada em 1895. Trata-se de uma obra inovadora em vários aspectos: tem como protagonista um negro no período imediato à Abolição da Escravidão; aborda uma relação homossexual, vista naqueles idos como mistura de doença e vício de caráter, ao que se soma ser esta relação inter-racial; o casal protagonista, além da diferença de cor/raça/etnia, possui uma diferença etária significativa; a única personagem feminina com alguma relevância a aparecer é a que servirá de pivô para o desfecho trágico e é representada com todos os estereótipos de gênero da época; o cenário da Marinha em que se passa a maior parte da ação é inédito em nossa literatura até o momento e pouco explorado desde então.

Nelson Werneck Sodré (1965) traça um paralelo interessante entre a estética naturalista e a realista, da qual se entende ser um desdobramento, e que ajuda a entender melhor a proposta de Caminha:

O realismo, mais esteticizante, embora se apoie no que as ciências do século XIX vinham afirmando e desvendando, não vai até à profundidade analítica do naturalismo, donde advém a sua não-preocupação pela patologia, característica do romance naturalista. A par disso, enquanto **o naturalismo implica uma posição combativa, de análise dos problemas que a decadência social evidenciava, fazendo da obra de arte uma verdadeira tese com a intenção científica**, o realismo apenas “fotografá” com certa isenção a realidade circundante, sem ir mais longe na pesquisa, sem trazer a ciência. O romance realista encara a podridão social usando luvas de pelica, numa atitude fidalga de quem deseja sanar os males sociais, mas sente perante eles profunda náusea, própria dos sensíveis e estetas. O naturalista, controlando a sua sensibilidade, ou acomodando-a a ciência, põe luvas de borracha e não hesita em chafurdar as mãos nas pústulas sociais e analisá-las com rigorismo técnico mais de quem faz ciência do que literatura. (SODRÉ, 1965, p. 29-30, grifos nossos)

O que se pretende fazer nas seções seguintes são alguns apontamentos sobre como algumas questões fundantes da obra são abordadas e em que medida se encaixam na visão determinista marco desta escola literária. Não se intenciona, deste modo, elencar todos os pontos existentes na narrativa, muito menos reconstruir a história passo a passo.

O enredo e o veio determinista

A primeira metade da trama se passa na corveta, um navio de guerra à vela de porte médio, onde Amaro, tempos depois de já ter se tornado marinheiro após ter fugido da vida como escravizado em uma fazenda, conhece, na viagem de volta ao Rio de Janeiro, tendo partido do sul, o grumete Aleixo, construído discursivamente como o seu oposto. Envolvem-se de tal forma que, ao chegarem à capital do Império, passam a morar juntos no sótão do sobrado da portuguesa D. Carolina, onde se passa quase que totalmente a segunda metade do enredo, exceção feita ao período em que Amaro passa em outra embarcação e, depois, no hospital, de onde foge para voltar ao sobrado.

Ao ser designado a mudar de embarcação, Amaro se separa de Aleixo e este passa a ter com a dona da pensão. Regressando à moradia depois de alguns meses, descobre o relacionamento entre o grumete e a portuguesa e, tomado pela ira, mata Aleixo.

Esta síntese evidencia que o ponto-chave do Naturalismo é o determinismo a guiar as ações das personagens: elas não conseguem escapar de si e do destino traçado de antemão por serem quem são. A obra segue o princípio da causalidade e os estereótipos de raça, idade e gênero/orientação sexual: as atitudes de todos são, aos olhos de hoje, previsíveis porque mergulhadas em noções mecanicistas.

A construção da negritude masculina

Como se esboçou, Amaro é um negro escravizado que fugira das condições de vida em uma fazenda e encontrara refúgio e meio de subsistência como marinheiro em uma corveta. Durante seus anos iniciais na Marinha é alcunhado de Bom Crioulo por, até então, não atender ao estereótipo de negro que se tinha: “seu caráter era tão meigo que os próprios oficiais começaram a tratá-lo por **Bom Crioulo**” (CAMINHA, 2009, 422-423⁶, 2009, grifos do autor). Era consenso entre os oficiais e os colegas de convés a sua docilidade e comprometimento com o trabalho.

⁶ A edição utilizada é eletrônica, portanto não possui numeração de página tal qual a impressa. Assim, a numeração utilizada diz respeito à localização aproximada, haja vista poder mudar conforme se modificam as margens, entrelinhas, fonte, tamanho e aparelho utilizados. Se na versão impressa a numeração das páginas serve para o cotejo, no livro eletrônico pode-se apenas digitar ou copiar o trecho

Seu apelido por si só já deixa bem claro o imaginário popular sobre as pessoas negras: dentre os/as crioulos/as, Amaro se destacara por ser **bom**. A adjetivação mostra, por exclusão, o que os/as outros/as não eram. Mais do que isso, a forma de tratamento a ele dispensada pode mesmo ser lida como uma atualização do “mito do bom selvagem” de Jean-Jacques Rousseau.

Alguns pontos na descrição de Amaro merecem atenção, primeiro pela própria representação e segundo por serem reforçados ao longo do livro. O primeiro é a sua descrição física:

[...] a primeira vez que o viram, nu, uma bela manhã, depois da baldeação, refestelando-se num banho salgado – foi um clamor! **Não havia osso naquele corpo de gigante: o peito largo e rijo, os braços, o ventre, os quadris, as pernas, formavam um conjunto respeitável de músculos, dando uma ideia de força física sobre-humana**, dominando a maruja, que sorria boquiaberta diante do negro. Desde então Bom Crioulo passou a ser considerado um ‘homem perigoso’ exercendo uma influência decisiva no espírito daquela gente, impondo-se incondicionalmente, absolutamente, como o braço mais forte, o peito mais robusto de bordo. Os grandes pesos era ele quem levantava, para tudo aí vinha Bom Crioulo com seu pulso de ferro, com a sua força de oitenta quilos, mostrar como se alava um braço grande, como se abafava uma vela em temporal, como se trabalhava com gosto. (CAMINHA, 2009, p. 455-461, grifos nossos)

Sua compleição, mais do que sobre-humana, era inumana, aterrorizante, resvalando mesmo em um provável medo de “haitianismo”⁷. Há que se lembrar que o livro vem a público em 1895, sete anos após a Abolição, mas a ação se passa antes de 1888, ainda que a localização temporal não esteja clara. Isso é sabido apenas porque é dito logo nas primeiras páginas que Amaro, antes de fazer parte da Marinha, fora cativo em uma fazenda de café, de onde conseguira fugir: “[...] a figura exótica de um marinheiro negro, de olhos muito brancos, lábios enormemente grossos, abrindo-se num vago sorriso idiota, e em cuja fisionomia acentuavam-se linhas características de estupidez e subserviência.” (CAMINHA, 2009, p. 254-256).

requerido e localizá-lo rapidamente no arquivo, independente do aparelho em que se encontra, donde não haver muito sentido em demarcar rigidamente o local da citação.

⁷ Nome dado ao pavor das elites brancas no mundo ocidental, sobretudo nas Américas, após a Revolução Haitiana, também conhecida como Revolta de São Domingos (1791-1804), que aboliu a escravidão naquele país e expulsou os colonizadores franceses, levando ao poder, pela primeira vez, um presidente negro.

É de se notar que a “estupidez e subserviência” aqui aparecem como características de personalidade localizadas no corpo de Amaro por ser negro. Servem como justificativa para a escravização do negro e, no caso em questão, para as severas punições que sofrerá ao mudar o seu comportamento quando ingere álcool:

Porque Bom Crioulo de longe em longe sorvia o seu gole de aguardente, chegando mesmo a se chafurdar em bebedeiras que o obrigavam a toda a sorte de loucuras.

Armava-se de navalha, ia para os cais, todo transfigurado, os olhos dardejando fogo, o boné de um lado, a camisa aberta num desleixo de louco, e então era um risco, uma temeridade alguém aproximar-se dele. **O negro parecia uma fera desencarcerada:** fazia todo mundo fugir, marinheiros e homens da praia, porque ninguém estava para sofrer uma agressão... (CAMINHA, 2009, p. 362-366, grifos nossos)

Independente dos motivos pelos quais era punido vê-se o tratamento que lhe era reservado: “Metido em ferros no porão [...]” (CAMINHA, 2009, p. 370). Além disso, o número de chibatadas desferidas contra ele nem de perto se equipara ao que era ofertado aos demais em quaisquer situações:

A chibata não lhe fazia moosa; tinha costas de ferro para resistir como um Hércules ao pulso do guardião Agostinho. Já nem se lembrava do número das vezes que apanhara de chibata... (CAMINHA, 2009, 374-375, grifos nossos)

Entretanto, já iam cinquenta chibatadas! Ninguém lhe ouvira um gemido, nem percebera uma contorção, um gesto qualquer de dor. Viam-se unicamente naquele costão negro as marcas do junco, umas sobre as outras, entrecruzando-se como uma grande teia de aranha, roxas e latejantes, cortando a pele em todos os sentidos.

De repente, porém, Bom Crioulo teve um estremeamento e soergueu um braço: a chibata vibrara em cheio sobre os rins, empolgando o baixo-ventre. Fora um golpe medonho, arremessado com uma força extraordinária.

Por sua vez Agostinho estremeceu, mas estremeceu de gozo ao ver, afinal, triunfar a rjeza de seu pulso.

Marinheiros e oficiais, num silêncio concentrado, alongavam o olhar, cheios de interesse, a cada golpe.

– **Cento e cinquenta!**

Só então houve quem visse um ponto vermelho, uma gota rubra deslizar no espinhaço negro do marinheiro e logo este ponto vermelho se transformar numa fita de sangue. (CAMINHA, 2009, p. 378-384, grifos nossos)

Mais adiante, quando muda de navio e comandante e recebe uma punição, diz-se que “dormiu essa noite numa sepultura de ferro, espécie de jaula estreita e sem luz onde só cabia um homem. Trancado ali dentro, imóvel, porque os pés e as mãos estavam presos [...]” (CAMINHA, 2009, p. 1222-1223) e que “Bom Crioulo não podia se mover: foi preciso que o segurassem. Apertava-lhe a boca uma mordança de ferro. Havia no seu olhar uma indignação muda e triste.” (CAMINHA, 2009, p. 1229-1230).

Nunca deixara, de fato, de ser tratado como escravo. Mais do que isso, por sua descrição sobre-humana, os castigos se adequavam à sua força. Visavam não à correção e sim a lhe impingir dor e a humilhá-lo. O guardião Agostinho se regozija ao açoitar Amaro, como um capitão do mato fazia com os escravos fugidos. Daí que qualquer que fosse o delito, a punição aplicada a ele, sem esquecer a sua compleição, dizia mais respeito à sua condição de negro do que ao crime cometido, como se o crime só tivesse ocorrido, ou a sua gravidade se explicasse, apenas por ser negro. Ele era punido, portanto, por ser negro.

A isso soma-se que o vício em álcool é umbilicalmente associado à sua condição como negro, em uma equação *sine qua non* determinista: era natural que, enquanto negro, se entregasse à bebida. Quando sóbrio era dócil, *bom*, quando ébrio dava vazão a sua negritude de forma plena. É a criminalização da negritude e da pobreza.

Outro ponto marcante em sua descrição é a sua animalização, a sua zoomorfização (uma das características estéticas não somente desta obra, mas também do naturalismo enquanto escola literária). Seu retrato físico e psicológico geralmente se faz acompanhar de comparações com comportamentos ou porte físico de animais: “rude como um selvagem” (CAMINHA, 2009, p. 419); ““o negro dava para gente”” (CAMINHA, 2009, p. 420-421); “Um animal inteiro é o que ele era!” (CAMINHA, 2009, p. 462); “como um animal teimoso” (CAMINHA, 2009, p. 485); “Momentos há em que os próprios animais caem extenuados...” (CAMINHA, 2009, p. 751-752); “Dormira toda a noite como um porco” (CAMINHA, 2009, p. 756); “Dentro do negro rugiam desejos de touro ao pressentir a fêmea...” (CAMINHA, 2009, p. 884); “E o negro sorria orgulhoso, com seus dentes de marfim, meio aguçados, como presas de tubarão.” (CAMINHA, 2009, p. 934-935), entre várias outras.

Esses paralelos dizem respeito também às tentativas de explicitar os seus sentimentos e desejos sexuais por Aleixo.

Visões da homossexualidade

A homossexualidade aparece pela primeira vez como sugestão, boato entre os marinheiros da corveta:

O motivo, porém, de sua prisão agora, no alto-mar, a borda da corveta, era outro, muito outro: Bom Crioulo esmurrara desapidadamente um segunda-classe, porque este ousara, ‘sem o seu consentimento’, maltratar o grumete **Aleixo, um belo marinheirito de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se ‘coisas’**. (CAMINHA, 2009, p. 368-370, grifos nossos)

Amaro espanca um colega de convés porque este maltratara Aleixo. As “coisas” que se diziam sobre este não eram outras que não a sua suposta homossexualidade. O importante aqui são as aspas e o contexto em que aparecem. Amaro, descrito como o mais forte entre os marinheiros e zoomorfizado, como se disse, até o momento não havia defendido nenhum outro colega e não o fará em qualquer outra ocasião. Além disso, é a primeira punição de Amaro no tempo em que a narrativa acontece. É significativo que seja justamente em defesa de Aleixo, que aparece pela primeira vez na história. Há de se observar, ainda, que os boatos sobre a homossexualidade são referidos primeiro a Aleixo, ao passo em que Amaro aparece como seu defensor. A própria defesa de alguém de quem se diziam “coisas” é, nesse contexto, indicativo suficiente da própria homossexualidade do defensor. Ao longo do livro, no entanto, fica evidente que a homossexualidade é tida como certa em relação a Amaro e questionada a respeito de Aleixo: “Depois estimava o grumete e **tinha certeza de o conquistar inteiramente, como se conquista uma mulher formosa**, uma terra virgem, um país de ouro... Estava satisfeitiíssimo!” (CAMINHA, 2009, p. 373-375, grifos nossos).

Conforme a história se desenvolve, vê-se que Aleixo é sempre mencionado em termos femininos como frágil, conquistável e mesmo explicitamente como tendo traços físicos femininos. Amaro, ao contrário, aparece sempre descrito como másculo conquistador. Ocorre, por assim dizer, uma estereotipização de relações homossexuais nos moldes heteronormativos: os aspectos físicos e comportamentais definiriam os papéis de gênero e, por conseguinte, as posições sexuais a serem desempenhadas pelas personagens. Em outras palavras, Aleixo, por ter porte físico identificado como

feminino, seria “a mulher da relação”, o que envolve ser cuidado, protegido por Amaro, e ser o passivo, aquele que é penetrado na relação sexual. Por exclusão, mais uma vez, a Amaro cabe, pela sua compleição, ser “o homem da relação”, o protetor e o ativo, ou seja, aquele que penetra.

Outros estereótipos envolvidos na separação binária entre as personagens são o racial e o etário: o negro não pode ser senão viril, o que relega ao branco a feminilidade, ou seja, a possibilidade única de ser dominado pela virilidade do negro; Amaro, por já ter cerca de trinta anos, é o “chefe” do relacionamento; Aleixo conta cerca de quinze anos ao subir a bordo da corveta e deve ser o “submisso” do relacionamento.

Um dos termos mais largamente encontrados na obra para se reportar a Aleixo é “pequeno”. Na época e até pouco tempo, eram as mulheres tratadas por “pequenas”, fazendo menção tanto a sua estatura, em média menor do que a do homem, quanto ao seu *status* no relacionamento: ausência de poder decisório, desvalorização da opinião, fragilidade física e instabilidade emocional. Não é à toa que Aleixo é o “pequeno”: mais novo, menor e tutelado por Amaro, a alcunha sintetiza perfeitamente o papel do grumete no relacionamento, que não sabe dizer “não”, em um misto de timidez, característica também associada ao feminino, e de medo do porte físico de Amaro, o que fica claro quando Aleixo passa a se envolver com D. Carolina e teme ser descoberto pelo segunda-classe.

Tudo concorre, dessarte, para a definição muito clara dos papéis de cada personagem: ao “homem da relação” cabem as descrições de mais velho, negro e viril; ao passo que à “mulher da relação” cabe ser mais novo, branco, afeminado e frágil. Nas entrelinhas, o que está posto é que a natureza depravada, pecaminosa é a negra, enquanto a branca é seduzida, forçada a ser de tal forma pela negra, até o momento em que conseguirá deixar aflorar a sua verdadeira natureza, a da heterossexualidade.

As imagens da homossexualidade não fogem aos padrões da época de maneira alguma:

Bom Crioulo conhecia-o de vista somente e ficara simpatizando imensamente com ele. Demais, o comandante Albuquerque recompensava os serviços de sua gente, não se negava a promover os seus afeiçoados. Isso de se dizer que preferia um sexo a outro nas relações amorosas podia ser uma calúnia como tantas que inventam por aí... Ele, Bom Crioulo, não tinha nada que ver com isso. Era uma

questão à parte, que diabo! **ninguém está livre de um vício.** (CAMINHA, 2009, p. 464-467, grifos nossos).

Apesar de ser tratada no mais das vezes como boato, há aqui uma estereotipização da homossexualidade como uma maior sensibilidade, amenidade no trato e certa feminilidade. Há, também, a admissão de se tratar de assunto de esfera particular e sem interferência na vida pública ao mesmo tempo em que condena a homossexualidade como vício.

Observe-se, então, o trecho:

Diziam uns que a cachaça estava deitando a perder ‘o negro’; outros, porém, insinuavam que Bom Crioulo tornara-se assim, esquecido e indiferente, desde que ‘se metera’ com o Aleixo, o tal grumete, o belo marinheirito de olhos azuis, que embarcara no sul. (CAMINHA, 2009, p. 477-479)

Nele, em certo antagonismo e contrariedade ao anterior, a homossexualidade apresenta-se como impeditivo para a consecução do trabalho e da vida pública.

Comumente o relacionamento entre os dois é tido como “amizade”: “amizade escandalosa” (CAMINHA, 2009, p. 481); “Sua amizade ao grumete” (CAMINHA, 2009, p. 485); “Foi então que o negro, zeloso da sua nova amizade” (CAMINHA, 2009, p. 503-504); “amizade inexplicável” (CAMINHA, 2009, p. 630); “preocupando-o sobre a amizade do grumete” (CAMINHA, 2009, p. 717); “a maior prova de amizade Aleixo tinha lhe dado a um simples aceno” (CAMINHA, 2009, p. 721); “amizade misteriosa” (CAMINHA, 2009, p. 931-932); “Aleixo era uma terra perdida que ele devia reconquistar fosse como fosse; ninguém tinha o direito de lhe roubar aquela amizade” (CAMINHA, 2009, p. 1595-1596), sem mencionar as variações como “amigo/s”.

Outro eufemismo presente, em menor número, é o da “afeição”: “já havia nele uma acentuada tendência para Bom Crioulo, um visível começo de afeição reconhecida e sincera” (CAMINHA, 2009, p. 502-503); “preocupando-o sobre a amizade do grumete, o futuro dessa afeição nascida em viagem” (CAMINHA, 2009, p. 716-718).

Mais do que o número absoluto, importa aqui a imagem que se transmite ao tornar “amizade” o eufemismo mais explícito, seguido de “afeição”, para descrever o envolvimento entre o marinheiro de segunda-classe e o grumete. É verdade que Aleixo nunca nomeia o relacionamento: a imagem é construída por Amaro e pelo narrador ao

falar dos sentimentos do marinheiro mais graduado em direção ao novato. Pouquíssimas vezes é atribuído a Amaro tendo partido de Aleixo e, quando o é, surge apenas na voz do narrador, como mostra a primeira entrada no parágrafo acima. Aleixo só terá sentimentos descritos dessa maneira novamente quando se envolve com D. Carolina:

Há quase um mês que isso durava, e, longe de se aborrecer, **Aleixo sentia**, pelo contrário, **uma inabalável e profunda afeição por D. Carolina**, exigindo até que ela não recebesse mais o barbaças do açogue. Queria-a para si, unicamente para si, ou estava tudo acabado! (CAMINHA, 2009, p. 1456-1458, grifos nossos)

Aqui, mais do que um simples sentimento: há uma “profunda afeição”, demonstrando que Aleixo seria de fato heterossexual.

O autor oscila entre descrever o relacionamento por parte de Amaro como amor e descrever como desejo carnal, volúpia, luxúria, lascívia, concupiscência, ou qualquer outra construção linguística que possa dar essa ideia: “E agora, como é que não tinha forças para resistir aos impulsos do sangue? Como é que se compreendia o **amor**, o **desejo da posse animal** entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens? (CAMINHA, 2009, p. 544-545, grifos nossos)”. Mas, antes:

Sua **amizade** ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes **afeições**, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexos contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. (CAMINHA, 2009, p. 485-489, grifos nossos)

Esse último trecho é rico em detalhes para a análise. Em primeiro lugar, parece mostrar, a partir da troca inesperada de olhares, o nascimento de uma paixão por parte de Amaro em direção a Aleixo. Em um segundo, traça o padrão aceitável para que algo pudesse ocorrer: o das “naturezas de sexos contrários”. Segue-se, então, o “desejo fisiológico de posse mútua”, o desejo carnal, animal e orientado de antemão: “que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea”. O “erro” está em que “sentiu-a

[essa atração animal] Bom Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho”.

Se ao longo do livro há certa dubiedade sobre o que impulsiona Amaro a Aleixo (amor x luxúria), a homossexualidade de Amaro é concebida como certeza, como convicção da sexualidade:

Não se lembrava de ter amado nunca ou de haver sequer arriscado uma dessas aventuras tão comuns na mocidade, em que entram mulheres fáceis, não: pelo contrário, sempre fora indiferente a certas coisas, preferindo antes a sua pândega entre rapazes a bordo mesmo, longe das intriguinhas e fingimentos de mulher. Sua memória registrava dois fatos apenas contra a pureza quase virginal de seus costumes, isso mesmo por uma eventualidade milagrosa: aos vinte anos, e sem o pensar, fora obrigado a dormir com uma rapariga em Angra dos Reis, perto das cachoeiras, por sinal dera péssima cópia de si como homem; e mais tarde, completamente embriagado, batera em casa de uma francesa no largo do Rocio, donde saíra envergonhadíssimo, jurando nunca mais se importar com ‘essas coisas’... (CAMINHA, 2009, p. 539-544)

Assim, relacionar-se sexualmente com mulheres só ocorre com Amaro em situações em que não pode decidir de livre e espontânea vontade. Com Aleixo acontece de forma um pouco diferente. Verdade é que quem toma a iniciativa é D. Carolina, mas:

O grumete, por sua vez, **experimentava** o que experimentaria qualquer adolescente — **uma tendência fatal para a portuguesa, um forte desejo de possuí-la sempre, sempre, a toda hora**, uma vontade irresistível de mordê-la, de cheirá-la, de palpá-la num frenesi de gozo, num grande ímpeto selvagem de novinho insaciável. (CAMINHA, 2009, p. 1301-1303, grifos nossos)

Aleixo só é retratado como tendo desejos dessa ordem por D. Carolina. Esses termos são muito mais frequentes para representar a libido de Amaro em relação a Aleixo.

Apesar do relacionamento com Amaro, a heterossexualidade de Aleixo é sugerida bem antes de se envolver com a dona da pensão. A primeira pista é, talvez, a mais sutil porque é a cena em que Amaro e Aleixo mantêm relações sexuais pela primeira vez:

Depois de um silêncio cauteloso e rápido, Bom Crioulo, aconchegando-se ao grumete, disse-lhe qualquer coisa no ouvido. **Aleixo conservou-se imóvel, sem respirar. Encolhido, as pálpebras cerrando-se, instintivamente de sono, ouvindo, com o ouvido pegado ao convés, o marulhar das ondas na proa, não teve ânimo de murmurar uma palavra.** Viu passarem, como em sonho, as mil e uma promessas de Bom Crioulo: o quartinho da rua da Misericórdia no Rio de Janeiro, os teatros, os passeios... lembrou-se do castigo que o negro sofrera por sua causa; mas não disse nada. Uma sensação de ventura infinita espalhava-se em todo o corpo. **Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse — uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade...**

— Ande logo! — murmurou apressadamente, voltando-se.

E consumou-se o delito contra a natureza. (CAMINHA, 2009, p. 682-692, grifos nossos)

Se se advogar que o grumete tenha se sentido paralisado por ser a sua primeira vez e não necessariamente por ser com um homem ou especificamente com Amaro, a réplica necessária é que a sua imobilidade voltará a dar o ar da graça quando Aleixo tiver a sua primeira vez com a portuguesa. De onde se depreende que essa imobilidade ocorreria mais por ser pego de surpresa, pelo inesperado da situação do que por ser uma relação sexual com um homem ou uma mulher, ainda que os únicos com quem tenha mantido relações sejam Amaro e D. Carolina.

Contudo, as demais descrições sobre os atos sexuais entre os dois dizem mais respeito a como Amaro se sente e inicia o ato. Aleixo se deixa levar, não toma a iniciativa, como quando pela primeira vez se encontram no quartinho da pensão de D. Carolina:

Uma coisa desgostava o grumete: os caprichos libertinos do outro. Porque Bom Crioulo não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou da noite, queria muito mais, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo, uma ‘mulher à-toa’ propondo quanta extravagância lhe vinha à imaginação. Logo na primeira noite exigiu que ele ficasse nu, mas nuzinho em pelo: queria ver o corpo...

Aleixo amou: aquilo não era coisa que se pedisse a um homem! Tudo menos aquilo. Mas o negro insistiu. Ninguém o levava a capricho: ‘Ou bem que somos ou bem que não somos...’ ‘Que asneira!’, fez o grumete. Pôr-se agora nu em pelo defronte do Bom Crioulo! Está visto que tinha vergonha.

— Vergonha de quê? — tornou o outro — Não és homem como eu? Onde veio essa vergonha?

— Decerto!...

— Ora, deixa-te de luxo, menino, vamos: tira a roupa...

Havia luz no quarto, uma luz mortiça no topo de uma vela de sebo.

— Nem se vê nada... – fez Aleixo choramingando, sem lágrimas.

— Sempre há se de se ver alguma coisa...

E o pequeno, submisso e covarde, foi desabotoando a camisa de flanela, depois as calças, em pé, colocando a roupa sobre a cama, peça por peça.

Estava satisfeita a vontade de Bom Crioulo. Aleixo surgia-lhe agora em plena e exuberante nudez, muito alvo, as formas roliças de calipígio ressaltando na meia sombra voluptuosa do aposento, na penumbra acariciadora daquele ignorado e impudico santuário de paixões inconfessáveis... Belo modelo de efebo que a Grécia de Vênus talvez imortalizasse em estrofes de ouro límpido e estátuas duma escultura sensual e pujante. Sodoma ressurgia agora numa triste e desolada baiuca da rua da Misericórdia, onde àquela hora tudo permanecia numa doce quietação de ermo longínquo.

— Veja logo... — murmurou o pequeno, firmando-se nos pés.

Bom Crioulo ficou extático! A brancura láctea e maciça daquela carne tenra punha-lhe frêmitos no corpo, abalando-o nervosamente de um modo estranho, excitando-o como uma bebida forte, atraindo-o, alvoroçando-lhe o coração. Nunca vira formas de homem tão bem torneadas, braços assim, quadris rijos e carnudos como aqueles... Faltavam-lhe os seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher!... Que beleza de pescoço, que delícia de ombros, que desespero!...

Dentro do negro rugiam desejos de touro ao pressentir a fêmea... Todo ele vibrava, demorando-se na idolatria pagã daquela nudez sensual como um fetiche diante de um símbolo de ouro ou como um artista diante duma obra-prima. Ignorante e grosseiro, sentia-se, contudo, abalado até os nervos mais recônditos, até às profundezas do seu duplo ser moral e físico, dominado por um quase respeito cego pelo grumete que atingia proporções de ente sobrenatural a seus olhos de marinheiro rude.

— Basta!... — suplicou Aleixo.

— Não, não! Um bocadinho mais...

Bom Crioulo tomou a vela, meio trêmulo, e, aproximando-se, continuou o exame atencioso do grumete, palpando-lhe as carnes, gabando-lhe o cheiro da pele, no auge da volúpia, no extremo da concupiscência, os olhos deitando chispas de gozo...

— Acabou-se! — tornou Aleixo depressa, impaciente já, soprando a luz.

Seguiu-se, então, no escuro, um ligeiro duelo de palavras gemidas à surdina e, quando Bom Crioulo riscou o fósforo, ainda uma vez triunfante, mal podia ter-se em pé.

Tais eram os ‘desgostos’ de Aleixo. Fora disso a vida corria-lhe admiravelmente, como um leve barco à feição... (CAMINHA, 2009, p. 868-892)

Nesta cena de alto teor homoerótico e bem explícita para os padrões da época encontramos: demarcação das posições/papeis sexuais; depreciação da prostituição (“mulher à-toa”); salvaguarda de valores morais por parte de Aleixo, apesar de

seduzido, mostrando, por oposição, que Amaro não os teria; a nudez dos corpos como excesso de libertinagem, resvalando nos valores morais de Aleixo: a nudez seria algo mais apropriado de se pedir a uma mulher (“aquilo não era coisa que se pedisse a um homem!”); reforço de que a homossexualidade era algo a ser escondido (“paixões inconfessáveis”) porque pecado (“Sodoma ressurgia agora numa triste e desolada baiuca da rua da Misericórdia”); descrição física andrógena (“Nunca vira formas de homem tão bem torneadas, braços assim, quadris rijos e carnudos como aqueles... Faltavam-lhe os seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher!...”); zoomorfização e hipersexualização do negro (“Dentro do negro rugiam desejos de touro ao pressentir a fêmea...”) e inferiorização do negro (“ignorante e grosseiro”; “marinheiro rude”).

A permear toda a cena é possível perceber certo jogo erótico ao mostrar o domínio de Amaro sobre Aleixo e a resistência deste seguida do aceite aos pedidos daquele. As aspas ao falar dos “desgostos” passados pelo grumete deixam margem para contestar seus sentimentos em relação a Amaro. O grumete parece um pouco desconfortável, ainda mais se comparado ao seu modo de agir e pensar quando já se encontra com a portuguesa dona da pensão. Mas, quão desconfortável?

E como o tema da homossexualidade toma o livro todo, é preciso abrir espaço para se falar também dos conceitos que se apresentam quanto ao feminino, mesmo porque, ao propiciar comparações com a homossexualidade, não se estará descartando a temática principal em detrimento de uma secundária e sim franqueando um novo leque de aproximações, uma vez que a homossexualidade era e continua sendo vista como uma forma de expressão do feminino.

Representações do feminino: os casos de D. Carolina e de Aleixo

Assim sendo, três são as personagens femininas singularizadas em *Bom Crioulo*. Entre elas apenas uma é nomeada. As duas primeiras são aquelas com quem Amaro teve relações sexuais e cuja função narrativa está em destacar a homossexualidade do marinheiro. A terceira, com uma história um pouco mais desenvolvida, é D. Carolina. Esta aparece da metade para o final da obra e serve de pivô para o único desfecho possível para uma história que se propõe a mostrar a homossexualidade como um mal social.

É descrita como uma ex-prostituta portuguesa, gorda, de trinta e oito anos, já “gasta” para os costumes vigentes. A alusão à sua antiga profissão é indireta: sabe-se ao ser dito que “abrira casa” na Rua da Lampadosa, região central do Rio de Janeiro que passa a ser, no século XIX, refúgio de prostituição. Corroborando a tese, o autor expõe que “o dinheiro entrava-lhe pela porta em jorros como a luz do dia, sem ela se incomodar.” (CAMINHA, 2009, p. 799-800) — possível referência à ejaculação dos clientes — e que, depois de se encontrar muito doente por certo período, “ela nunca mais pode reerguer-se, chegando, por desgraça, ao ponto de empenhar joias e tudo, porque ninguém a procurava, ninguém a queria” (CAMINHA, 2009, p. 802-803). No momento em que se passa a ação, mantém uma “aliança” com o açougueiro, homem casado e que lhe pagava o aluguel e fornecia a carne do dia-a-dia.

Antes, e a despeito de sua aparição na história, a imagem que se tem da mulher na obra é a de ser ardiloso, que domina o homem com suas artimanhas e que se envolve em picuinhas e fofocas, comportamento tido como desprezível. Mais do que isso, a representação modelo é a da prostituição. Modelo não no sentido de ideal a ser perseguido e sim do de padrão único apresentado porque objeto a ser usado e descartado, impassível a sentimentos a serem levados em consideração: “Quando sentisse ‘a necessidade’, aí estavam mulheres de todas as nações, francesas, inglesas, espanholas... a escolher!” (CAMINHA, 2009, p. 549-550).

Nesse ponto, D. Carolina desfaz um pouco essa caracterização. É uma mulher que mostra ter desejos, que assume o papel de conquistadora. Aleixo lhe aviva o ímpeto de se sentir cobiçada, ainda que ela tenha que despertar nele a lascívia, posto que ele é submisso a Amaro.

O estereótipo do ardil feminino é usado, mais uma vez, quando se mostra a arquitetura de seu plano: aproveita que Amaro está longe de casa e que o grumete se encontra sem ter a quem se submeter. Aos poucos vai se exibindo a Aleixo, elogiando-lhe, cuidando de sua roupa, demonstrando afeto por ele, que já lhe havia notado, até o ponto em que se confessa apaixonada por ele. No mesmo momento pede ao marinheiro a quem chama de “bonitinho” que durma com ela:

E foi se derreando sobre os ombros de Aleixo, com uma fingida ternura de mulher nova.

O pequeno desviava o olhar dos olhos dela, cheio de pudor, um sorriso fixo na boca sombreada por um buço em perspectiva, muito encolhido na sua cadeira, sem dizer palavra.

O contato de sua perna com a da portuguesa produzia-lhe um calorzinho especial, um brando enleio da alma, uma vaga e deliciosa canseira no fundo do seu ser, um esquisito bem-estar.

Por sua vontade ficaria naquela posição eternamente, sentindo cada vez mais forte a influência magnética daquele corpo de mulher sobre os seus nervos de adolescente ainda virgem... (CAMINHA, 2009, p.1035-1040, grifos nossos)

Impõe-se aos olhos ser a primeira vez que uma ereção (“calorzinho especial”) é mencionada vinda de Aleixo. E isso provavelmente por conta dos papéis de gênero delineados no começo da narrativa: sendo ele passivo com Amaro, não lhe cabe ter ereção, própria daquele que exerce o papel ativo, de penetrar. Seu corpo responder dessa maneira aos primeiros toques de uma mulher é indicativo certo de que sua verdadeira natureza sexual ainda não havia aflorado. Daí também ser tido ainda como virgem: a virgindade para o homem diz respeito a penetrar e não a ser penetrado. Desempenhar o papel passivo era entendido, para um adolescente como ele, como ter sido alvo de abuso, de sedução antinatural:

Muita vez o pequeno fora seduzido, arrastado. Ela até fazia um benefício, uma obra de caridade... Aquilo com o outro, afinal, era uma grossa patifaria, uma bandalheira, um pecado, um crime! Se Aleixo havia de se desgraçar nas unhas do negro, era melhor que ela, uma mulher, o salvasse. Lucravam ambos, ele e ela... (CAMINHA, 2009, p. 1317-1319)

A figura de D. Carolina é vista de duas formas, mais complementares do que antagônicas: é aquela que “salvará” Aleixo de uma vida pecaminosa, colocando-o no rumo certo da heterossexualidade e, ao mesmo tempo, aquela que se aproveita de um momento de fragilidade no relacionamento do amigo Amaro para seduzir e “roubar” o namorado/marido do amigo. A “salvação” de Aleixo, todavia, ocorre por intermédio de uma personagem que também tem a sua parcela de chafurda.

Apresenta-se, portanto, o reforço da ideia de sedução de Aleixo por Amaro como uma brecha para justificar a sedução de D. Carolina: Aleixo nunca fora homossexual, mas se deixou seduzir; logo, só esperava a chance de ser salvo por uma mulher.

Entrementes, a homossexualidade de Aleixo era dada como certa por Amaro desde sempre. Se o próprio jogo de sedução não o atestava, quando mais tarde o segunda-classe se encontra no hospital o narrador nos mostra o que pensa Amaro quanto a isso: “não podia esquecer, não podia apagar do espírito aquela ideia pesadelo: o grumete nos braços doutro homem...” (CAMINHA, 2009, p. 1359-1360)

Positivamente não se conformava com a ideia de que o Aleixo o abandonara por *outro*... E quem seria esse *outro*? Algum marinheiro também, decerto, algum “primeira-classe”... Era muita ingratidão, muita baixeza! Abandoná-lo, por quê? Porque era negro, porque fora escravo? Tão bom era ele quanto o imperador!... (CAMINHA, 2009, p. 1581-1584, grifos do autor)

Amaro está seguro da homossexualidade de Aleixo tanto quanto está da sua, donde não imagina poder ser “trocado” por “outra”. Sua insegurança estava em sua negritude e em sua patente baixa: Aleixo poderia “trocar-lo” por ser negro, por algum oficial mais graduado, cuja patente só poderia ser ofertada a um branco. Entende que, além do “amor” que Aleixo deveria sentir por ele, havia também o sentimento de “gratidão” por tê-lo cuidado até então. Em verdade, esses sentimentos tendem a se confundir para ele.

Prova outra da presunção da homossexualidade de Aleixo por parte de Amaro é o bilhete bem explícito que dita para um funcionário do hospital, em cuja discricção confia sem motivos suficientes, e que, contudo, nunca chegará às mãos do grumete porque D. Carolina o destruirá antes:

Meu querido Aleixo
Não sei o que é feito de ti, não sei o que é feito do **meu bom e carinhoso amigo** da rua da Misericórdia. **Parece que tudo acabou entre nós**. Eu aqui estou no hospital, já vai quase um mês, e espero que me venhas consolar algumas horas com a tua presença. **Estou sempre a me lembrar do nosso quartinho...** Não faltes. Vem amanhã, que é domingo.
Teu Bom Crioulo (CAMINHA, 2009, p. 1383-1386, grifos nossos)

Não passa pela mente de Amaro que o grumete pudesse se envolver com uma mulher, muito menos com a dona da pensão. Ao contrário, entende “[o] grumete [como alguém] sem alma que o iniciara no amor e que o fazia sofrer as amarguras de uma vida

de condenado...” (CAMINHA, 2009, p. 1364). Isto é, Amaro se sente como que seduzido por Aleixo, vez que antes dele não tinha tido relações sexuais com outros homens. Mais do que isso, e uma vez mais, há uma confusão de sentimentos: Amaro acredita que Aleixo lhe deva estima por tê-lo cuidado, o que coloca a entrega sentimental e física do grumete como forma de pagamento, de troca necessária e inegociável: “– Abandonado, ele! abandonado por aquele que o devia estimar como a um pai! Abandonado por Aleixo, por seu querido Aleixo!...” (CAMINHA, 2009, p. 1408-1409).

Enquanto o casal está junto, D. Carolina acobertava a relação dos marinheiros sem dar sinais de juízo de valor. Ao contrário, parecia compreendê-la. Ao se separarem por força das circunstâncias, passa a julgá-la pecaminosa e a se arvorar o papel de salvadora de Aleixo.

Tendo Aleixo aceitado passar a noite com a portuguesa,

Então ela, como se lhe houvessem aberto de repente uma caudal de gozo, cravou os dentes na face do grumete, numa fúria brutal, e segurando-o pelas nádegas, o olhar cintilante, o rosto congestionado, foi depô-lo na cama:

— Pr’ái, meu jasmim de estufa, pr’ái! Vais conhecer uma portuguesa velha de sangue quente. Deixa a inocência pro lado, vamos!...

Bateu a porta e começou a se despir a toda pressa, diante de Aleixo, **enquanto ele deixava-se estar imóvel**, muito admirado para essa mulher-homem que o queria deflorar ali assim, torpemente como um animal.

— Anda, meu tolinho, despe-te também: aprende com tua velha... Anda, que eu estou que nem uma brasa!...

Aleixo não tinha tempo de coordenar ideias. D. Carolina o absorvia, transfigurando-se a seus olhos.

Ela, de ordinário tão meiga, tão comedida, tão escrupulosa mesmo, aparecia-lhe como um animal formidável, cheio de sensualidade, como uma vaca do campo extraordinariamente excitada, que se atira ao macho antes que ele prepare o bote...

Era incrível aquilo!

A mulher só faltava urrar.

E a sua admiração cresceu ainda mais quando ela, sacando fora a camisa ensopada de suor, caiu nua no leito, arquejante, segurando os seios moles, com um estranho fulgor no olhar de basilisco.

Mas Aleixo sabia, por Bom Crioulo, até onde chega a animalidade humana, e, passando o primeiro momento de surpresa, sentiu que também era feito de carne e osso, como o negro e D. Carolina — Valia a pena decerto uma noite como aquela! (CAMINHA, 2009, p. 1043-1054, grifos nossos)

A atitude ativa de D. Carolina pode ser tida, nos termos da época, como masculina. Mais uma vez, Aleixo se deixa seduzir por um comportamento masculino, deixa-se ser passivo não no ato sexual, mas no comportamento. A portuguesa é reportada como uma “mulher-homem” por conta da voracidade com que se joga para cima do grumete.

Ao que parece, a primeira vez que Aleixo sente algum desejo carnal, que cede às suas vontades, é em uma relação heterossexual, com D. Carolina. Seria uma amostra de que, ao menos nele, a heterossexualidade é mais forte do que a homossexualidade, de que, com Amaro, se deixou levar pela inocência. Inocência essa que, agora, é responsável por lhe colocar no caminho “correto”.

Indicativo de que a heterossexualidade começa a aflorar em Aleixo é que, a partir do momento em que se envolve sexualmente com a dona do sobradinho, ele passa a sentir certa repulsa por Amaro: “— Se fosse possível não me encontrar mais, nunca mais, com aquele negro, ah! que felicidade! pensava o grumete [...]” (CAMINHA, 2009, p. 1061-1062). Mais:

Aleixo nesse dia estava de folga, e muito cedo, coisa de um hora, veio à terra impelido por uma grande saudade que o fazia agora escravo da portuguesa. Receava encontrar Bom Crioulo, ter de o suportar com seus caprichos, com o seu bodum africano, com os seus ímpetos de touro, e esta lembrança entristecia-o como um arrependimento. Ficava abominando o negro, odiando-o quase, cheio de repugnância, cheio de nojo por aquele animal com formas de homem, que se dizia seu amigo unicamente para o gozar. Tinha pena dele, compadecia-se, porque, afinal, devia-lhe favores, mas não o estimava: nunca o estimara! (CAMINHA, 2009, p. 1252-1256)

Os sentimentos de Aleixo por Amaro, se não mudaram, passam a aparecer unicamente como negativos. Sentia-se ao mesmo tempo usado e devedor dos cuidados de Amaro por ele. O sexo não era entendido como forma de pagamento, mas como uma forma de Amaro ter se aproveitado dele.

O grumete passa a procurar pela dona do sobrado e, a partir deste momento, a sua sexualidade é apresentada como um crescente de heterossexualidade. A portuguesa, tal qual Amaro, também coloca Aleixo nu em sua frente e repara em seu corpo, porém, com ela, Aleixo não se sente usado, envergonhado.

D. Carolina realizara, enfim, o seu desejo, a sua ambição de mulher gasta: possuir um amante novo, mocinho, imberbe, com uma ponta de ingenuidade a ruborizar-lhe a face, um amante quase ideal, que fosse para ela o que um animal de estima é para o seu dono — leal, sincero, dedicado até ao sacrifício. (CAMINHA, 2009, p. 1294-1297).

Aleixo pertencia-lhe, enfim; era seu, completamente seu; ela o tinha agora preso como um belo pássaro que se deixasse engaiolar; tinha-lhe ensinado segredinhos de amor, e ele gostara imenso, e jurara nunca mais abandoná-la, nunca mais! (CAMINHA, 2009, p. 1299-1301).

Mais do que a zoomorfização de Aleixo, é a sua inferiorização como humano que se vê nos trechos acima. Sua conquista serve como o remoçar de D. Carolina. Ele é o meio pelo qual ela prova para si mesma que não é tão velha quanto possa parecer, e que tem seus encantamentos ainda. Não é visto como um igual, mas como objeto de conquista. Em uma disputa não assumida com Amaro por Aleixo, D. Carolina vence. Os tradicionais papéis se invertem: o prêmio em disputa é um homem, ainda que este seja descrito, por vezes, através de traços femininos.

Ao mesmo tempo em que o adolescente e a ex-prostituta se envolvem, cada vez mais crescem os sentimentos negativos de Aleixo por Amaro:

Mas Aleixo não podia esquecer Bom Crioulo. A figura do negro acompanhava-o a toda parte, a bordo e em terra, quer ele quisesse quer não, com uma insistência de remorso. Desejava odiá-lo sinceramente, positivamente, esquecê-lo para sempre, varrê-lo da imaginação como a um pensamento mau, como a uma obsessão insólita e enervante; mas, debalde! O aspecto repreensivo do marinheiro estava gravado em seu espírito indelevelmente; a cada instante lembrava-se da musculatura rija de Bom Crioulo, de seu gênio rancoroso e vingativo, de sua natureza extraordinária — híbrido conjunto de malvadez e tolerância —, de seus arrebatamentos, de sua tendência para o crime, e tudo isso, todas essas recordações o acovardavam, punham-lhe no sangue um calafrio de terror, um vago estremecimento de medo, qualquer coisa latente e aflitiva... Suas expansões com a portuguesa eram incompletas, vibravam-lhe os lábios em sorrisos de falsário, cada vez que ela o exaltava para deprimir o outro... (CAMINHA, 2009, p. 1319-1325)

Aleixo desejava esquecer e não mais se envolver com Amaro, porém tinha medo do que lhe poderia acontecer se o fizesse. A questão que fica é: foi sempre esse o sentimento do grumete pelo segunda-classe ou fora a relação com a portuguesa que o criara ou despertara?

Se D. Carolina rejuvenescia com Aleixo, este, longe de Amaro,

Estava gordo, forte, sadio, muito mais homem, apesar da pouca idade que tinha, os músculos desenvolvidos como os de um acrobata, o olhar azul penetrante, o rosto largo e queimado. Em pouco tempo adquirira uma expressão admirável de robustez física, tornando-se ainda mais belo e querido. (CAMINHA, 2009, p. 1441-1443)

Ao descobrir a heterossexualidade, Aleixo fica com raiva de Amaro e da relação dos dois. O medo que sente de Amaro é de força física, não de se apaixonar de novo, porque é dito e repetido à exaustão que nada sentia por ele além de pequena afeição e mais por ter cuidado dele na ausência dos pais, mas que se sentia usado sexualmente por Amaro, ideia alimentada por D. Carolina que, vez por outra, dizia-lhe coisas como “o que ele queria era te desfrutar” (CAMINHA, 2009, p. 1452).

As tais artimanhas femininas se mostram mais uma vez quando a portuguesa intercepta o bilhete de Amaro a Aleixo, e impede que chegue a seu destinatário. No entanto, não o faz sem algum receio:

Mas ficou pensativa, cheia de um vago e misterioso pressentimento que lhe fazia bater o coração. Assaltaram-lhe ideias horrorosas de crimes, de homicídios de sangue; lembrava casos que tinham alvoroçado o Rio de Janeiro, casos de ciúmes, de traições... (CAMINHA, 2009, p. 1473-1474)

Caminhando para o final e sem a intenção de esgotar as possibilidades de análise, por todo o livro é possível perceber os rumos que a história levará. Como uma boa história, essa percepção torna-se mais palpável conforme se aproxima do fim. O encadeamento dos fatos ocorre bem aos moldes deterministas e cientificistas da escola literária naturalista: casos de traição entre aqueles das camadas mais pobres e excluídas da sociedade sempre acabavam em tragédia para o elo mais fraco (mulher, prostituta, jovem/criança, homossexuais passivos/afeminados, negros/as etc.). Trata-se de certa criminalização da vulnerabilidade social de modo a imputar medo e ensinar a todos como se comportar frente aos excluídos e, a esses, a como se comportar entre iguais.

Fato é que Amaro descobre a traição e consegue sair do hospital, fugido (relembrando a forma como chegou a se tornar marinheiro: fugido das fazendas de café onde era cativo), com ganas de tirar satisfações com Aleixo. Uma vez frente a frente

com o grumete só o esperado pode acontecer: Aleixo é morto por Amaro, que é preso. D. Carolina, o pivô da derrocada dos marinheiros, segue viva e a vida das gentes continua.

À guisa de conclusão

A respeito das descrições dos atos sexuais, não se pode deixar de mencionar que, em consonância com a estética naturalista e sem destoar da proposta do autor, elas são, como se disse, zoomorfizadas, e aquele que toma a iniciativa é tido como predador, tendo o comportamento animalizado, independente de ser homem ou mulher. Ao que parece, no romance, os papéis de vítima e algoz já estão traçados de antemão: o primeiro cabe ao homem branco, seduzido pelo negro e, depois, pela mulher, ambos mais velhos, estes últimos cumprindo a função de Herodes.

Não obstante, ainda que, de forma mais explícita no início da história e mais espaçada ao longo da narrativa, o narrador se mostre contra os maus tratos sofridos por Amaro por conta da escravidão – sem configurar, todavia, uma defesa da abolição –, a descrição de seus ímpetos sexuais, sua força e seu comportamento em relação a Aleixo podem acabar por servir de justificativa, no entendimento da época, para mantê-lo (e, por extensão, a todos os negros) cativo. De modo parelho em relação à mulher, transfigurada em D. Carolina com os seus ardis sedutores. Assim, em última análise, o homem branco correria perigo se não exercesse o domínio sobre o negro e a mulher. Fica evidente, dessarte, que os acontecimentos não poderiam se dar de outra forma. O desfecho corrobora a tese segundo a qual a vida daqueles na base da pirâmide social é desafortunada ao ponto de toda a sorte de desgraças poder e, de fato, acontecer com eles.

O determinismo não ditará apenas a ação dos personagens particulares, como também, e principalmente, a de todo um grupo ou classe social: os vícios inerentes não levam a lugar diferente da destruição de todos. Desse ponto de vista, o propósito de Caminha de escrever uma literatura com toques de tratado científico (traço característico do naturalismo) sobre a degradação moral dos pobres e outros coitados cumpre seu papel de chocar o público e trazer à baila questões sociais pungentes.

Trama enxuta, com poucos personagens, que funcionam mais como arquétipos, não se perde em sua intenção e, mesmo anunciando desde sempre o seu desfecho previsível, ao menos aos olhos de hoje, prende o leitor de maneira tal que este se surpreende com o desenrolar dos acontecimentos e com o final. Isto se dá para além do enredo em si, através da linguagem utilizada, com descrições pormenorizadas dos corpos, cenas de nudez e de sexo, detalhamento dos desejos sexuais das personagens, palavreado que se coloca no limite entre o científico e o pornográfico, e a ambientação inovadora de embarcações de guerra, de desputor.

O que se procurou mostrar fora menos o enredo e seus desdobramentos e mais como estes atuam para expor como esses protótipos funcionam e quais representações da negritude, da homossexualidade e do feminino se encontram nas mentalidades da época e mesmo ainda hoje.

Referências

BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Lugar de romance é fora do armário: gênero, espaço e corpo em Bom Crioulo, de Adolfo Caminha. In: COSTA, Horácio *et al.* **Retratos do Brasil homossexual**: fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. p. 255-267.

BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Notas e “saídas” sobre a tradução francesa (e outras traduções e edições) do romance “Bom Crioulo”. **Claraboia**: Revista do Curso de Letras da Unesp, Jacarezinho, v. 1, n. 2, p. 72-97, 2015. Disponível em: http://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/559/pdf_34. Acesso em: 10 set. 2018.

CAMINHA, Adolfo. **Bom crioulo**. São Paulo: Hedra, 2009. *E-book*.

COSTA, Horácio. Surpresas do naturalismo luso-brasileiro: Bom Crioulo, de Adolfo Caminha, e O Barão de Lavos, de Abel Botelho. **Via Atlântica**, [s. l.], n. 12, p. 105-115, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50085/54204>. Acesso em: 10 set. 2018.

DALCASTAGNÈ, Regina. Retrato sem parede: o Bom Crioulo, de Adolfo Caminha. **Vereadas**: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, [s. l.], n. 24, p. 147-159, 2015. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/359/348>. Acesso em: 10 set. 2018.

FARIA, Maráisa. A passos macios e cautelosos, as mãos enluvadas: a primeira recepção de Bom-Crioulo (1895), de Adolfo Caminha. **Soletras**: Revista do Departamento de

Letras da FFP/UERJ, [s. l.], n. 30, p. 72-89, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/19166>. Acesso em: 10 set. 2018.

GREEN, James Naylor. Os prazeres nos parques do Rio de Janeiro na belle époque brasileira, 1898-1914. *In: Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000. p. 51-118.

LIMA, Carlos Henrique Lucas. **Narrativa homoerótica brasileira: performance, sexualidade e política**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29160/000776018.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 set. 2018.

PAIVA, Flávia Gangorra; NASCIMENTO, Juscelino Francisco do. Entre a audácia, a paixão e o prazer proibido: o homoerotismo em Bom-crioulo de Adolfo Caminha. **Temporalidades**: Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, Belo Horizonte, v. 7, n. 3, p. 71-83, 2015. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/3313/2495>. Acesso em: 10 set. 2018.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. A literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si: literatura homoerótica e escritas de si. **Acta Scientiarum: Language and Culture**, Maringá, v. 36, n. 1, p. 61-71, 2014. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/issue/view/846>. Acesso em: 10 set. 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. **O naturalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SOUZA, Warley Matias de. **Literatura homoerótica: o homoerotismo em seis narrativas brasileiras**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-8BRF39>. Acesso em: 10 set. 2018.

TREVISAN, João Silvério. Essas histórias de amor maldito. *In: Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 249-273.

VALENTIN, Leandro Henrique Aparecido. A recepção crítica e a representação da homossexualidade no romance Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha. **Mafuá**, Florianópolis, n. 20, 2013. Disponível em: <http://mafua.ufsc.br/2013/a-recepcao-critica-e-a-representacao-da-homossexualidade-no-romance-bom-crioulo-de-adolfo-caminha>. Acesso em: 10 set. 2018.

NOTES ON HOMOSEXUALITY, MALE BLACKNESS AND FEMININITY IN BOM CRIOULO (1895), BY ADOLFO CAMINHA

ABSTRACT

The intention of this article is to make some notes on three taboo themes in the nineteenth century, discussed in Bom Crioulo (1895), written by Adolfo Caminha. It will be pointed out that the innovation of portraying these kinds of subject is not, however, absent from the stereotypes of his time. Therefore, the views of male blackness, homosexuality and femininity will be presented and problematized. Nevertheless, it is not intended to exhaust the subject matters or to make a detailed and linear reading of the plot and themes, but rather to illustrate how these categories appear in the novel and that they are, in a way, part of the scientific imaginary of that period.

Keywords: *Bom Crioulo (1895); Homosexuality; Male Blackness; Femininity; Naturalism.*

Envio: abril/2019
Aceito para publicação: setembro/2019